

O MUSEU DO SERTÃO COMO ESPAÇO NÃO-ESCOLAR DE ENSINO-APRENDIZAGEM

ZACARIAS MARINHO

Dinter Uern/Uerj. E-mail: zacariasmarinho@yahoo.com.br

Introdução

Os espaços eleitos como apropriados à formação das gerações futuras, sofreram ao longo dos tempos uma grande variedade: a aldeia, o lar, a igreja e a escola moderna, são exemplos desses espaços. Acompanhando essa variação, os procedimentos metodológicos foram sendo reconfigurados diante das necessidades apresentadas, visto que o espaço não é apenas palco de intervenção, mas também orienta essa intervenção, provocando limites e possibilidades nas ações dos sujeitos. Portanto, se compreendemos que os ambientes educativos não se reduzem à escola e à sala de aula, compreendemos também que estes, no atual contexto, requerem diferentes proposições metodológicas.

Nessa perspectiva, a aula em espaços não-escolares ganha ênfase em meio a outros procedimentos. É essa relação metodologia/espaço uma das questões abordadas aqui, tomando por referência empírica o trabalho desenvolvido na disciplina Ensino de Geografia, no Curso de Pedagogia da UERN, no Campus Central em Mossoró-RN.

Relato da experiência

Em nossas aulas, na turma citada, apresentamos a proposta¹ de um estudo do potencial educativo de espaços não-escolares, em

¹ Proposta sistematizada com a professora Gilberliane Melo, da disciplina Ensino de História, a qual assumiu as orientações na turma do 5º período noturno, enquanto eu fiquei responsável pela turma do 5º período matutino.

seus aspectos histórico-geográficos. Foram relacionados 07 locais: as serras das cidades de Martins e de Portalegre; a Fortaleza dos Reis Magos, em Natal; as salinas em Areia Branca; o Lajedo de Soledade, em Apodi; a barragem Armando Ribeiro Gonçalves, em Açú e o Museu do Sertão, em Mossoró, todos no Rio Grande do Norte. Uma forma de motivar os alunos foi acordar que, após as apresentações, um desses lugares seria escolhido pela turma para uma aula de campo das disciplinas envolvidas. Divididos em grupos, definiu-se o espaço sobre o qual cada grupo faria a pesquisa. Com essa definição, coletaram imagens, elementos históricos e geográficos, dados quantitativos e qualitativos, fizeram levantamento bibliográfico em livros, revistas, artigos, sites e blogs e, em um dos casos, fizeram uma entrevista.

O tempo necessário, da apresentação da proposta até a conclusão de todo o trabalho, incluindo a socialização, foi de três encontros. No primeiro fizemos a apresentação da proposta, a organização dos grupos e as orientações gerais para o trabalho. No segundo e no terceiro encontros ocorreu a socialização por parte dos alunos.

Do ponto de vista didático, comungamos com a ideia que “o trabalho de campo pode (deve) contar com a participação de alunos na elaboração, escolhas e leituras gerais da espacialidade a ser estudada” (Oliveira e Assis, 2009 p. 198), a fim de perceberem a necessidade que o professor tem em conhecer, previamente, o espaço não-escolar objeto de sua aula. Do ponto de vista histórico-geográfico, a finalidade foi conhecerem alguns aspectos que influenciam a organização desses espaços, expressos em suas paisagens como documento da dinâmica espacial, constituindo-se essas atividades um espaço-tempo de formação para os futuros pedagogos, que assumirão salas de aula no Ensino Fundamental.

O trabalho desenvolvido sobre o Museu do Sertão

O grupo que ficou responsável em fazer a pesquisa, tendo como objeto de conhecimento o Museu do Sertão, foi formado pelos alunos Jonas Leonardo, Walker Leal e a aluna Islani Kalini.

Durante o tempo entre o primeiro e o terceiro encontro, o grupo me procurou algumas vezes para tirar dúvidas e saber se estava no caminho certo. Inicialmente, a preocupação maior dizia respeito a encontrar fontes bibliográficas que abordassem o objeto de estudo, o Museu do Sertão. Diante disso, propusemos uma entrevista com o seu proprietário, o Dr. Benedito Vasconcelos Mendes, uma vez que seria fácil entrar em contato com este, devido ao fato de ser professor do Departamento de Geografia da UERN.

Com essa orientação, os alunos e a aluna entraram em contato com o professor e marcaram a data e o horário da entrevista. O grupo elaborou um roteiro e em seguida me apresentaram para possíveis observações. Não havendo nenhum problema de natureza ética, ou que desvirtuasse a finalidade, foi feita a entrevista, que se deu pela manhã, no próprio departamento em que o entrevistado trabalha, estendendo-se por cerca de 22 minutos.

O grupo teve permissão do entrevistado para gravar em vídeo, o qual passou por pequenos ajustes, numa forma de edição, mesmo que amadora, ficando registrado quase que totalmente na íntegra, ouvindo-se intervenções sonoras de algumas falas de pessoas que circulavam no ambiente e outros sons que surgiam acidentalmente. Em acordo no grupo, a aluna se responsabilizou por fazer as perguntas, enquanto os rapazes assumiram a gravação, preocupando-se ao longo da entrevista em tomar diferentes enquadramentos.

Ao todo foram feitas quatro perguntas apenas, as quais buscaram saber sobre a motivação e o objetivo em se criar o Museu do Sertão; a contribuição daquele espaço para a cidade de Mossoró; a forma de acesso dos visitantes e como se deu a aquisição das peças

do acervo. Em cada uma das perguntas o professor Benedito decorreu demoradamente, de forma que demonstrou os conhecimentos e a afetividade que tem pela história e a geografia do Semiárido nordestino e, especialmente, pela criação e manutenção do museu.

Ao encerrarem a entrevista, a aluna fez os devidos agradecimentos ao professor Benedito e este entregou ao grupo uma revista, na qual se encontra registrada, em textos e imagens, o espaço do Museu do Sertão. Assim, além da entrevista, na pesquisa desse grupo foi utilizada essa revista como uma fonte de dados para a sistematização do trabalho, enriquecendo-o e possibilitando aos componentes dessa equipe ter mais elementos para a socialização, a qual ocorreu no terceiro encontro.

Como os demais, a apresentação do grupo deveria procurar convencer a turma de que sua escolha, seria o espaço mais indicado para a nossa aula em campo. Nessa perspectiva, o grupo utilizou na sua apresentação os seguintes recursos: projeção de slides; vídeo com a entrevista feita; exposição oral; representação de um matuto, por um dos alunos que veio vestido a caráter; alguns utensílios domésticos antigos e a distribuição de comidas consideradas, em nosso imaginário cultural, típicas do Sertão nordestino.

A socialização dos conhecimentos adquiridos foi dividida entre os três componentes. O grupo elaborou um plano de aula com o tema “O Sertão Semiárido nordestino: tempo e espaço”, o qual previa em sua metodologia um encontro no Museu do Sertão. Em seguida fizeram a exposição utilizando-se de 15 slides, com textos e imagens que traziam informações básicas do Museu e do seu proprietário; além da distância e dos custos do deslocamento, caso utilizassem a locação de um micro-ônibus. Os slides foram acompanhados de exposição oral e em seguida veio a reprodução da entrevista em vídeo. Os recursos bem construídos e bem utilizados contribuíram para a apresentação, mais as colocações e perguntas feitas pelo professor e por alguns alunos(as), ajudaram ao grupo a ampliar, com mais elementos, a fala sobre o material levantado.

Por fim, o grupo fez a distribuição das comidas que trouxeram aos presentes, o que ainda fazia parte da apresentação, mas também uma estratégia de convencimento da turma para sua proposta, uma vez que no Museu encontramos, em seu acervo, peças que revelam a culinária do Sertão semiárido nordestino, como aquelas de uso doméstico, mas também grandes peças de sua antiga indústria alimentícia rudimentar.

O grupo foi muito elogiado pelos colegas, que ressaltaram a qualidade dos recursos usados, reconheceram a importância do espaço objeto de estudo e a exposição oral, devido a performance da apresentação e, em tom de brincadeira, diziam que o melhor de tudo havia sido a degustação das comidas trazidas. Da nossa parte, corroboramos com a avaliação da turma, destacamos o empenho do grupo em buscar diversas fontes e em trazer recursos audiovisuais que foram fundamentais para enriquecer a apresentação.

Encerradas as apresentações, haja vista esse grupo ser o último a se apresentar, veio a votação para escolha de onde a turma gostaria de fazer a aula de campo. Nessa votação, a opção vencedora foi a Fortaleza dos Reis Magos, em Natal, o que avaliamos como tendo sido motivada, essa escolha, por ser o localizado na capital e ter outros atrativos para os alunos, uma vez que havia a possibilidade da aula, em campo, ser estendida como passeio.

Características do Museu do Sertão

Em sua definição e objetivos temos que o Museu do Sertão “é um museu temático. Tem como objetivos preservar e exibir objetos, implementos agrícolas, apetrechos de trabalho implementos e máquinas do setor produtivo dos habitantes do Sertão semiárido nordestino. O Museu do Sertão é Único [...]”. (MENDES apud SANTOS, LEAL e AMORIM, 2012). Apesar de ter sido inaugurado em 2003, o seu acervo começou a ser adquirido a mais de três décadas e como

o proprietário não teve condições de fazer a doação para os museus convencionais, teve a ideia de criar o próprio museu.

O Museu do Sertão está situado na zona rural de Mossoró, a uma distância de apenas quatro quilômetros da zona urbana, numa chácara denominada Rancho Verde. A proximidade com cidade, facilita a quem quer conhecer esse espaço nos períodos em que se encontra aberto a visitação. No entanto, o professor Benedito ressalta que “no momento, só tenho prazer em mostrar (o museu) aquelas pessoas interessadas em cultura e para as universidades. Não posso abrir para o turismo cotidiano, diário, porque não tenho tempo e o museu não tem guias”. (op. cit.).

A chegada ao local se faz pela estrada de barro que se inicia no final do bairro Abolição IV em direção a Serra Mossoró. A entrada da chácara é identificada por um grande portal, com o nome Rancho Verde em sua parte superior. Em sua totalidade, a Rancho Verde é formada pela casa do seu proprietário, as casas dos empregados da chácara, os estábulos dos animais, áreas de vegetação nativa e o Museu do Sertão. A paisagem local nos revela espécies vegetais próprias do semiárido nordestino, presentes nessa propriedade particular e nos seus arredores. Em seu interior encontramos também animais da fauna dessa área, ou introduzidos na região que são criados ali: galinhas, gansos, cavalos, avestruzes e aves de pequeno porte. Além desses, é possível encontrarmos aves que circulam nesse espaço livremente, sem o risco de serem capturados.

A parte do Museu do Sertão ocupa uma área de cerca de 10 hectares, composta por 11 pavilhões, um memorial e uma casa de taipa, onde estão distribuídas mais de 1500 peças. Todos os pavilhões são denominados de acordo com as peças que encontramos neles, por exemplo: pavilhão do engenho, pavilhão da casa de farinha, pavilhão das profissões, pavilhão das religiões.

No pavilhão do engenho encontra-se o maquinário artesanal e também industrial que era usado nos engenhos de rapadura e caçaça, tais como bolandeiras, grandes tonéis e caixões de madeira,

os quais serviam para fermentar a garapa de cana e guardar as rapaduras, respectivamente. No pavilhão da casa de farinha, vamos encontrar as boladeiras para moer a mandioca; as prensas que antecipavam o preparo da fécula e os grandes caixões para guardar a farinha, entre outras peças de diversos tamanhos.

No pavilhão das profissões encontram-se peças de trabalho e criações dos ofícios que eram comuns na Região, fabricadas por cuteleiros, flandeiros, armeiros etc. No pavilhão das religiões, encontramos esculturas em tamanhos reais, ou aproximados, de personagens como Antonio Conselheiro, Padre Ibiapina, Padre Cícero e Frei Damião, ao lado de esculturas de Jackson do Pandeiro e Luiz Gonzaga, representantes da música nordestina.

O memorial guarda objetos e centenas de fotografias, nas quais encontram-se os registros de inúmeros eventos: palestras, reuniões, encontros com autoridades, aulas etc., em que o professor Benedito participou ou organizou. Também estão registradas em fotografia a presença de um grande número de visitantes que já estiveram presentes naquele espaço, além de imagens do acervo. Para representar a moradia do sertanejo da região semiárida, foi construída uma casa rústica, utilizando-se barro, madeira e palha, matérias-primas abundantes na região, dando as características arquitetônicas da chamada casa de taipa.

O espaço dessa casa está organizado com um alpendre em sua frente e em anexo, ao lado direito, um cômodo representando uma bodega. A sala de visitas; um corredor que liga a sala à cozinha e um quarto, formam a organização do espaço em seu interior. Sua mobília revela as condições de pobreza e a religiosidade de quem vivia nessas moradias: uma rede simples armada na sala e em suas paredes um conjunto de quadros com orações e quadros de santos, da igreja católica; no corredor um guarda-louças; no quarto uma cama rudimentar e um pinico; na cozinha, pote, fogão e panelas antigas. Não encontramos na casa um sanitário, outra característica comum nas residências mais pobres do Sertão Nordestino.

As visitas são agendadas por telefone ou pelo e-mail do proprietário do Museu do Sertão. A recepção é feita pelo professor Benedito ou por sua esposa. Ao iniciar a apresentação do acervo, Benedito faz questão em mostrar um grande painel, onde se lê que “o Museu do Sertão nunca recebeu recursos dos governos federal, estadual e municipal”. Em seguida passa pavilhão por pavilhão e, ao falar das peças, mostra um grande conhecimento sobre a origem, a utilização e o significado para o momento histórico do qual fazia parte cada uma delas, bem como uma grande afetividade por estas.

Essas características nos dá uma ideia genérica do que seja esse espaço, para conhecê-lo é fundamental visitá-lo, pois não descrevemos todos os pavilhões, nesses que descrevemos, sucintamente, há muito mais a se conhecer. Além disso, o próprio ambiente no qual se encontra o Museu do Sertão, traz atrativos que, somente in loco, é possível o visitante ter uma percepção mais aprofundada e, assim, inferir o potencial pedagógico desse espaço não-escolar, o que tentaremos demonstrar a seguir, a partir do nosso olhar.

O potencial pedagógico do Museu do Sertão

A escola como a conhecemos hoje é, ainda, o espaço-tempo privilegiado de ensino-aprendizagem. Nessa perspectiva, a exposição proferida pelo mestre na sala de aula vem sendo, por muito tempo e em diferentes lugares, quase que exclusivamente a forma de ensino que se conhece. Essa condição histórica e geográfica faz com que, muitas vezes, a educação seja naturalizada como uma coisa própria do espaço escolar, obscurecendo-se o valor educativo presente em espaços diversos. Não obstante, novas possibilidades são cada vez mais presentes nas discussões didático-pedagógicas, no sentido de se conceber outros ambientes, antes considerados espaços somente de visita, como espaços potentes de se ensinar e se aprender, por exemplo, a rua, as praças, a cidade, os parques e os museus.

A saída para ambientes de natureza diversas para a realização de aulas, pode receber uma variedade de denominações: estudo do meio, aulas passeio, aula de campo ou em campo, excursões pedagógicas etc. Alguns autores relacionam essas denominações de acordo com o grau de abrangência que queira dá a elas. Pontushka, Paganelli e Cacete (2007); Passini (2007), referem-se ao trabalho de campo como parte do estudo do meio. Já Oliveira e Assis (2009), procuram diferencia trabalho de campo de aula de campo, salientando que o primeiro é fundamental para a segunda, portanto um sendo etapa da outra.

A nossa perspectiva é optar pela denominação de *aulas em espaços não-escolares*. A nossa opção se justifica porque, a nosso ver, ela é potente no sentido de dá conta tanto dos espaços institucionais e empresas que não sejam escolas (museus, parques públicos, indústrias etc.), bem como daqueles espaços não-institucionais (praças, ruas, áreas de vegetação natural, cavernas, sítios arqueológicos etc.), cujos ambientes possam ser apropriados por professores e alunos para fins de ensino-aprendizagem.

O Museu do Sertão se insere nessa opção como uma instituição particular, na qual se preserva testemunhos da diversidade histórico-geográfica do semiárido nordestino, pela reunião de elementos físicos, econômicos e culturais dessa região, evidenciando-se um potencial pedagógico para diferentes áreas de conhecimento, especialmente para a Geografia e a História.

Antes da visita ao acervo, o professor Benedito faz questão de proferir uma palestra, que varia entre 30 e 35 minutos, na qual faz uma exposição sobre a colonização; a miscigenação; a religiosidade; o cangaceirismo; o que chama de engenharia empírica e a economia do semiárido do Nordeste antigo, destacando a agricultura, pecuária e produção de derivados da cana-de-açúcar e da mandioca. Fala da motivação em criar o museu, a composição do acervo e de como se deu a aquisição daqueles objetos que considera suas principais peças.

Do ponto de vista geográfico, o professor que pretenda levar sua turma para uma aula no museu, poderá abordar esses testemunhos e a intervenção humana nessa área, numa inter-relação com os seus aspectos naturais. Assim, clima, vegetação e solos; pecuária, agricultura e industrialização rudimentar se encontraram e se influenciaram mutuamente, além das relações de poder que mediavam as relações humanas, as quais foram gestadas numa sociedade estratificada em categorias binárias: coronéis e trabalhadores; latifundiários e minifundiários; proprietários e moradores, além de outras categorias menos evidentes.

Nesse sentido, sobre esse tempo-espaço geográfico, poderão ser trabalhados conceitos próprios da geografia, tais como espaço geográfico, paisagem, lugar, território e região. A exemplo do que se pode dizer a respeito do meio, de modo geral, podemos asseverar que o Museu do Sertão, neste caso, é “... como um ‘laboratório geográfico’, está disponível para alunos e professores em todos os graus de ensino. Precisamos enxergá-lo e explorá-lo como recurso para aprendizagem significativa dos conceitos de Geografia” (PAS-SINI, 2007 p. 172).

É possível olharmos o próprio espaço do sítio, onde se encontra engravado o museu, com o referencial teórico da Geografia, para analisarmos a dinâmica espacial que ali se encontra. Por ser uma propriedade privada, ganha o caráter de território, mas singular, uma vez que contextualmente é aberto ao público, o qual dele se apropria provisoriamente durante a visita. Sua paisagem, torna-se admirável pelas construções de concreto e madeira, compondo com as espécies vegetais, de grande e pequeno portes, uma articulação harmoniosa. Enfim, a dinâmica das funções encontradas nesse espaço, revela a diversidade geográfica que ele contém: moradia, fazenda de criação animal e museu, entre outras.

Podemos pensar, ainda, a partir de uma reflexão geográfica, o avanço da cidade em direção à zona rural à fazenda Rancho Verde. Separadas atualmente por apenas quatro quilômetros, essa reali-

dade denuncia um futuro, não tão distante, de um sufocamento do sítio pela área urbana, que se aproxima em velocidade exponencial, o que tiraria uma condição singular de ser, o Museu do Sertão, um museu não-urbano. Estes e outros aspectos, podem e devem ser considerados em aulas de Geografia no museu e sobre o museu.

Em História, vários conceitos podem ser trabalhados: tempo, em suas diversas variações; documento histórico; patrimônio cultural e memória, são alguns destes conceitos. Riqueza e pobreza; a forma como produziam suas mercadorias para a comercialização ou subsistência das famílias; as maneiras de se relacionarem com o sagrado e o profano, são aspectos que podem ser explorados pelos professores de história, haja vista cada peça e objeto trazer registrado o *modus vivendi* da população no semiárido do Nordeste, de algumas décadas e até de séculos anteriores, estão registradas ali. Para Bittencourt (2004, p 278),

O compromisso do setor educacional articula-se a uma *educação patrimonial* para as atuais e futuras gerações, centradas no pluralismo cultural. Educação que não visa apenas evocar fatos históricos ‘notáveis’, de consagração de determinados valores de setores sociais privilegiados, mas também concorrer para a rememoração e preservação daquilo que tem significado para as diversas comunidades locais, regionais e de caráter nacional. (grifos da autora)

Nessa perspectiva, tanto o Museu do Sertão quanto as escolas e as universidades ao visitarem esse espaço, cumprem com esse compromisso. Por parte do museu devido a preservação de um acervo significativo à rememoração do pluralismo cultural do semiárido. Por parte das instituições educacionais, possibilitando aos seus alunos esse conhecimento.

Os museologistas “[...] destacam a importância de esclarecer aos alunos sobre o que é um museu e sobre seu papel na constituição da memória social, sendo fundamental, nessa iniciativa, mostrar que tipos de objetos são ali preservados e expostos [...]”. (BIT-

TENCOURT, op. cit. p. 356-357). Tal preocupação é atendida pelo professor Benedito na palestra que faz aos visitantes do Museu do Sertão.

Por fim, sem a intenção de fragmentar o conhecimento, ao contrário, a intenção é mostrar que uma abordagem interdisciplinar é um caminho pedagogicamente correto, reconhecemos que outras disciplinas podem ser contempladas numa aula nesse espaço não-escolar: antropologia, sociologia, artes e filosofia são algumas delas, a quais não será possível abordar nesse momento.

Considerações finais

O trabalho do professor de Geografia em espaços não-escolares, tem uma grande importância teórico-metodológica para a disciplina. Isto por que “o ensino de geografia cultiva um vínculo de identidade com o mundo exterior” (OLIVEIRA e ASSIS, 2009 p. 195). Ao relatarmos aqui a experiência vivenciada com alunos do Curso de Pedagogia, percebemos que a aula em, e sobre, espaços não-escolares, torna-se potente à formação dos futuros professores.

No caso específico que tratamos aqui, o Museu do Sertão, do ponto de vista histórico-geográfico, esse potencial é expresso ao contemplar uma abordagem interdisciplinar; relacionar passado e presente; possibilitar o conhecimento do espaço regional em diferentes épocas, confrontando-o com o contexto atual; identificar uma dinâmica espacial própria do Sertão Nordeste e favorecer a reflexões sobre a relação rural-urbano.

Ao embrenhar-se na pesquisa, os alunos desenvolveram experiências formativas de descobrirem caminhos para construir conhecimentos autônomo. Recorreram a web e a outras fontes, entrevistaram, elaboraram slides e planos de aula e fizeram a exposição de suas aquisições, dialogando com colegas e professores. Essa experiência, a nosso ver, poderá fazer uma diferença significativa quando esses alunos estiverem em sala de aula, contribuindo as-

sim para que a Geografia não seja vista como entulho, pois como já dissemos em artigo anterior, nos cadernos dos alunos ocupa, junto com a História, suas partes finais (MARINHO, 2013).

Referências bibliográficas

BITTENCOURT, Circe M. F. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004. (col. Docência e Formação).

MARINHO, Zacarias. Oficina Pedagógica: compreendendo a construção dos mapas na formação inicial. In: **Anais VII Seminário Internacional – As Redes Educativas e as Tecnologias: transformações e subversões na atualidade**. UERJ: Rio de Janeiro, 2013.

OLIVEIRA, Christian D. M; e ASSIS, Raimundo J. S. Travessias da aula em campo na geografia escolar: a necessidade convertida para além da fábula. In: **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 35, n.1, p. 195-209, jan./abr. 2009.

PASSINI, Elza Y. **Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado**. São Paulo: Contexto, 2007.

PONTUSHKA, Nídia N; PAGANELLI, Tomoko I; CACETE, Núria H. **Para ensinar e aprender Geografia**. São Paulo: Cortez, 2007. (col. Docência e Formação).

SANTOS, Islani K. A; LEAL, Antonio V. O; AMORIM, Jonas L. M. **Museu do Sertão**. 2012. 15 slides: color.